

Estudo mostra que reforma agrária reproduz o padrão social e cultural vigente

# A terra da mulher (e do homem)

Foto: Nervellon Araujo/AAN

WANDA JORGE  
wandajor@unicamp.br

A economista dominicana Zoraida Garcia Frias, que desde 1994 trabalha em Roma como especialista da divisão de gênero e desenvolvimento agrário e rural da FAO – Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação –, esteve, em outubro, no Instituto de Economia da Unicamp para acertar os últimos detalhes da publicação do documento *Estudo de Gênero em Processos de Reforma Agrária no Brasil*.

Trata-se de uma parceria do organismo internacional com o Instituto de Economia da Unicamp, e que conta com a participação da Universidade de Uberlândia e Universidade Federal do Ceará. Zoraida protagonizou um acordo de trabalho de dois anos, cujos resultados estão sendo finalizados agora. O estudo da FAO, coordenado pelo professor Antônio Márcio Buainain, do IE/Unicamp, envolveu seis Estados - São Paulo, Minas Gerais, Pernambuco, Bahia, Maranhão e Ceará -, 20 estudos de caso e uma ampla pesquisa junto aos assentados do Incra, aos beneficiários do Programa Cédula da Terra e aos agricultores familiares.

“Foi uma amostra significativa com 3 mil famílias”, informa Buainain. Buscou-se estudar a agricultura familiar em toda sua complexidade e diversidade, e a amostra inclui desde os mais pobres, com pequeníssimas áreas insuficientes para produzir a sobrevivência da família, até agricultores familiares em melhores condições de vida e produção. Também incluiu os vários tipos de produção e culturas, cuja representatividade muda de região para região.

A intenção, ainda, foi investigar o papel da mulher no processo de reforma agrária, na luta pela terra, na gestão dos lotes, nas decisões tomadas pela comunidade e na condução da própria família. O resultado não surpreende. A reforma agrária reproduz o padrão social e cultural vigente, ainda marcado pelo domínio masculino. A grande maioria dos lotes é concedida aos homens: 87% nos assentamentos do INCRA; 93% nos assentamentos do Programa Cédula da Terra e 92% em propriedades familiares.

O objetivo da parceria, patrocinada em US\$ 26 mil pela FAO, é realizar uma investigação de gênero nos assentamentos de reforma agrária em comparação a pequenas unidades agrícolas independentes. Compreender também a posição que homem e mulher ocupam em relação à terra e as funções sociais e produtivas dos gêneros no interior dos assentamentos. A assessora técnica da FAO salienta que esta não é uma análise exclusiva do papel da mulher, mas dos diferentes papéis assumidos pelos vários membros da família na estratégia de reprodução e subsistência.



Fotos: Antoninho Perri

**Jornal da Unicamp- Qual o objetivo da FAO em patrocinar esse tipo de estudo?**

**Zoraida Garcia-** Relações de gênero implicam em relações de poder, o que se traduz em acesso a recursos financeiros, ao manejo da terra, ao controle do uso da terra e de equipamentos, de benefícios oficiais para a produção agrícola. O interesse de nosso programa é pesquisar agricultura dentro de economias não-industrializadas e sua lógica econômica; identificar os aspectos sociais e humanos que, em geral, ficam de fora das análises econômicas de estruturas agrícolas.

**JU- Qual o papel da mulher na estrutura agrária?**

**Zoraida -** A mulher é quase 50% da população agrícola, portanto é uma mão-de-obra potencial, é uma força de trabalho que deve ser considerada em qualquer planejamento econômico. É da constatação de sua existência produtiva que depende o êxito da maioria dos programas agrários, pois ela deve ser considerada enquanto custo e receita, igualmente. No entanto, a mulher é vista como não-produtora nessa estrutura, o que limita o acesso à terra, ao crédito e dificulta a melhoria de suas condições de vida.

**JU- Por que é importante qualificar por gênero a função produtiva no campo?**

**Zoraida-** Do ponto de vista da economia, é fundamental que esses dados produtivos da mulher estejam contidos no planejamento de tais recursos. Se a mulher é uma força social de transformação semelhante ao homem, ela necessita do mesmo acesso a recursos para exercer seu papel transformador. Se isto não ocorre, os projetos econômico estão perdendo 50% de seus potenciais. E note que, por enquanto, só falo da perspectiva econômica.

**JU- Essa miopia quanto à função produtiva da mulher**



**varia de acordo com a estrutura política e social de cada país?**

**Zoraida -** O que se observa nesses levantamentos patrocinados pela FAO, em países de formação tão diferenciada seja na América Latina ou na África, é que são elementos culturais que definem os papéis econômicos do homem e da mulher. É uma construção social e histórica dos papéis e não-natural. Eles devem ser modificados para que realizem efetivo desenvolvimento econômico. Na sociedade patriarcal, os papéis domésticos e produtivos são separados. É necessário o conhecimento dos fatores sociais que impõem esses estereótipos para que se possa desconstruí-los e compreender os novos papéis, baseado no entendimento destas práticas culturais e de crenças e dos marcos institucionais como legislação que dá acesso à terra e ao crédito agrícola.

**JU- A legislação brasileira não se modernizou com o aumento do trabalho feminino no campo?**

**Zoraida -** A lei da terra e o Código Civil já modificaram um pouco a restrição à mulher, mas a legislação trabalha com a família tendo o homem no papel de chefe de família- o que impõe, já em princípio, uma situação de submissão da mulher. O homem é o chefe de família e o agricultor;

A economista Zoraida Garcia Frias: “A mulher é vista como não-produtora, o que limita o acesso à terra, ao crédito e dificulta a melhoria de suas condições de vida”

a mulher é a cônjuge.

Nesses termos, ela não é identificada como agente econômico. Só aparece na esfera doméstica, não produtiva e sem valor econômico mensurável.

**JU- Mas nos assentamentos estudados em várias regiões brasileiras, onde a mulher tem atuação política na briga pela terra, a situação não seria um pouco diferente?**

**Zoraida -** Não. Nos assentamentos se reproduzem as mesmas relações de poder que em outras estruturas agrárias. A mulher não tem reconhecido seu papel produtivo como valor econômico. São necessárias medidas econômicas e legais para modificar essas relações. O acesso ao emprego urbano, porém, começa a interferir no sentido de uma auto-definição de seu papel produtivo na sociedade.

**JU- Por que uma análise de gênero, que parece ter um cunho mais sociológico, é importante como indicativo de políticas econômicas?**

**Zoraida -** A pesquisa de gênero tem uma lógica econômica, pois terá impacto nas mudanças econômicas e tecnológicas que se queira implantar no campo.

Se há dificuldades em quantificar o trabalho da mulher, pois é visto como ajuda, a consequência é que se subestima a necessidade de mão-de-obra e se calculam erradamente custos da produção, por exemplo.

**JU- Qual o papel de um estudo com esse perfil num momento em que o Brasil caminha para um ajuste de seu modelo econômico?**

**Zoraida -** Este é um momento fundamental no Brasil, quando se preparam ou se esperam mu-

danças produtivas com o novo governo, para que se busque uma compreensão aprofundada da lógica produtiva rural. Disso pode depender o acerto de políticas agrárias que venham a se implantar. Qualquer projeto de política agrícola precisa levar em conta como fator produtivo a identidade feminina. Se não, há um forte risco de se reproduzir o modelo do passado em políticas novas.

**JU- Quais os objetivos da FAO ao patrocinar tais estudos?**

**Zoraida -** A idéia é promover a igualdade de oportunidades: acesso à terra e ao crédito, controle e manejo dos recursos naturais de forma equânime entre homem e mulher. Para tanto, é preciso documentar essa situação nas mais variadas localidades. Análise de gênero é um elemento intrínseco à definição de um modelo de desenvolvimento. Não é um fator externo. O interessante, nas conclusões já obtidas com esses estudos, é que em situações muito diferentes em termos de políticas de Estado ou mesmo históricas e culturais, acabam reproduzindo-se, no campo, práticas semelhantes na estrutura de poder.

**JU- E que conclusão se pode tirar dessa experiência?**

**Zoraida-** O padrão cultural não foi tocado, não foi desconstruída esta relação histórica e social dos papéis do homem e da mulher na sociedade rural, mesmo em países que viveram revoluções.

